

A incursão literária do jovem Carlos Lacerda: memórias de um Rio de Janeiro em transformação

Adriana Gomes de Paiva¹

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Resumo: O presente texto explora a incursão literária de Carlos Lacerda durante a sua juventude no Rio de Janeiro do começo do século XX. Nascido em uma família de políticos e intelectuais, Lacerda cresceu em um ambiente estimulante e em profunda transformação na antiga capital da República. A partir da observação do cotidiano da cidade e de seus habitantes, ele produziu contos revelando dramas e características específicas desse espaço urbano em acelerado processo de modernização.

Palavras-chave: Carlos Lacerda. Política carioca. Literatura. Cidade.

Introdução

Normalmente, quando o nome de Carlos Lacerda é mencionado em alguma conversa é bem possível que esteja se falando de história política brasileira, em particular dos eventos que levaram ao suicídio de Getúlio Vargas; do Golpe Militar de 1964; de sua fama de “demolidor de presidentes”; ou de seu apelido, “corvo”. Tais fatos aludem a uma parte significativa de sua constante presença na política brasileira entre 1945 e 1968, quando teve seus direitos políticos cassados pelo regime militar. Porém, essas passagens não esgotam sua polêmica e rica trajetória, sobretudo porque conhecemos somente a fase mais madura de Lacerda dentro do período mencionado, após a filiação à União Democrática Nacional (UDN), já jornalista e ensaiando seus passos na política local e nacional.

Nesse artigo, a proposta é lançar luz sobre o período anterior, ou seja, sobre a sua juventude e suas experiências literárias². Membro de uma família de políticos, jovem promissor e envolvido com uma parcela da intelectualidade de esquerda na capital da República, Lacerda escreveu ficção em contos e pequenos livros. Eles foram compilados, junto a outros contos escritos na sua maturidade, no livro *21 Contos Inéditos de Carlos*

¹ Doutora e Mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Professora Auxiliar pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), na Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH). E-mail: adriana.paiva@ufvjm.edu.br.

² Esse artigo é uma parte modificada de um capítulo da minha tese de doutoramento em Ciência Política, intitulada *A Queda de Ícaro: ascensão e declínio na trajetória política de Carlos Lacerda*, defendida no ano de 2010, pelo Instituto Universitário de Pesquisas no Rio de Janeiro (IUPERJ).

Lacerda, como resultado de uma pesquisa feita no Arquivo Carlos Lacerda instalado na biblioteca da Universidade de Brasília (UNB)³.

Sendo impossível abordar todos os textos escritos por ele em sua juventude, levarei em consideração somente aqueles em que a cidade do Rio de Janeiro e seus habitantes são objeto de sua escrita. Com esse recorte, é possível perceber de que forma questões ficcionalizadas nesses contos continuarão a ressoar em sua ação política e no seu fazer jornalístico em anos posteriores, seja como proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa*, como vereador, deputado ou no cargo de primeiro governador do Estado da Guanabara, instituído em 1961.

Com a delimitação em relação ao período e ao tema, o presente trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: em um primeiro momento, analiso a sua origem familiar e as consequências desta sobre a sua experiência social e produção intelectual. Em segundo lugar, passo a discutir seus contos e sua percepção de uma cidade que se expandia e se tornava mais complexa no processo de modernização que começa no início do século XX.

1. A experiência familiar: a política em casa

A principal fonte de informações a respeito de Carlos Lacerda encontra-se na obra do americano John Foster Dulles (1992), que escreveu dois volumes de biografia a respeito do jornalista e político. Denominada *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*, a obra é rica em detalhes e documentos indispensáveis para uma compreensão da trajetória de Lacerda. Entretanto, memórias esparsas de juventude podem ser encontradas em obras suas, como *A casa do meu avô*; *Crítica e autocrítica*; e *Rosas e pedras em meu caminho*.

Filho de Olga Caminhoá e Maurício de Lacerda, Carlos Frederico Werneck de Lacerda, ou simplesmente Carlos Lacerda, nasceu no ano de 1914, na cidade do Rio de Janeiro. Seu registro, no entanto, ocorreu na cidade de Vassouras, por insistência de seu avô paterno, Sebastião de Lacerda. Quanto ao seu nascimento, Carlos Lacerda afirmou certa vez que este se deu no meio de “riscos”. Certamente, ele se referia ao conturbado clima político pelo qual o país passava, sob a presidência de Hermes da Fonseca (1910-1914), do qual seu pai fizera parte como Oficial de Gabinete e, posteriormente, como deputado, tornando-se

³ Carlos Lacerda lançou vários livros ao longo de sua vida. Alguns são coletâneas de contos sem datação precisa, outros contêm crônicas, discursos ou memórias. Constam dois livros de ficção, especificamente, lançados em momentos diferentes de sua vida. O primeiro foi lançado em 1935, chamado *O Quilombo de Manuel Congo*. O segundo é de 1965, chamado *Paixão e crime*.

membro da oposição. Nesse governo, o país viveu um período de negociações políticas tensas entre as oligarquias que se revezavam no poder.

A sua menção aos “riscos” também pode indicar que Lacerda já tentara acentuar uma das características principais de sua trajetória política. Diversas vezes preso, alvo de ameaças e tentativas de assassinato, sua fama foi, em parte, construída em torno da ideia do enfrentamento de situações arriscadas onde sobressaía o seu destemor. Se fosse possível, portanto, definir em uma palavra o eixo principal a partir do qual a família de Lacerda gravitou, esta seria a “política”. Ela é o elemento fundamental para se entender a dinâmica de sua vida familiar, pois moveu praticamente a vida de todos os que estiveram presentes nas suas lembranças, da infância à adolescência. Além disso, forneceu a possibilidade de contato com a realidade social e econômica da antiga capital, em processo de transição significativa de sua história.

Em primeiro lugar, essa família de políticos teve como uma das suas referências principais o avô, Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda. Nascido no ano de 1864, Sebastião era filho do açoriano João Augusto Pereira de Lacerda e de Maria Emília Gonçalves de Andrade, que emigrou da Ilha da Madeira. Ao longo de sua vida acumulou diversos mandatos e cargos políticos: foi vereador no município de Vassouras (1888); Intendente Municipal (1890); membro da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro (1892), deputado (1894-1896), Secretário do Interior e Justiça do Estado (1896) e Ministro da Viação e Obras Públicas (1897-1898) no governo de Prudente de Moraes (1894-1898). Uma carreira de rápida ascensão em um espaço de tempo de 10 anos.

Renato Lessa (2001) qualifica esses primeiros anos de República no Brasil como caóticos. Sem a tradicional estrutura monárquica que dotava o regime político de alguma estabilidade, tanto o governo provisório quanto os que se seguiram a ele lutaram para encontrar organização, equilíbrio entre os diferentes grupos e condições de governabilidade. O próprio governo de Prudente de Moraes, que teve a participação de Sebastião de Lacerda como Ministro no seu período final, precisou lidar com problemas relativos à institucionalização republicana depois de dois presidentes militares, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Com um congresso dividido entre facções, problemas com militares e um atentado contra a sua vida, essa última administração precedeu ao início de uma rotinização do regime, com a eleição de Campos Sales.

Ainda segundo Lessa, foi a partir da gestão de Sales que a estabilidade da República começou a ser construída. O arranjo político entre os estados, que ficou conhecido como a

“Política dos governadores”, conseguiu aplacar parte da anarquia vivenciada em anos anteriores. Entretanto, Sebastião de Lacerda abandonou a política exatamente nesse momento de mudanças por causa da morte precoce de sua esposa, Maria da Glória Paiva (chamada de “Pequetita”), aos 29 anos, com quem teve três filhos com Sebastião: Maurício, Fernando e Paulo.

Lacerda registrou a sua admiração por Sebastião em vários momentos, em especial no livro *A casa do meu avô*, onde reconstruiu episódios de sua infância e a relação afetiva que manteve com Sebastião. As lembranças daquele tempo funcionaram para ele, declaradamente, como uma maneira de resistir “à decepção e ao abandono”. A morte de Sebastião significou para Lacerda o final de sua infância. Em suas palavras, “[...] Agora, de certo modo, aos 11 anos, começava uma espécie de idade adulta” (LACERDA, 2001, p. 43). Com o pai, Maurício de Lacerda, a relação assumiu características diferentes da que existia com Sebastião, pois ele nutriu profunda mágoa devida à ausência paterna, acentuada após a descoberta da existência da outra família de Maurício. Formado em Direito, como o pai, e trabalhando como jornalista, Maurício ensaiava já aos 19 anos a sua revolta contra a política, ao organizar uma investida à cidade de Vassouras, junto a alguns militares, para impedir a realização de uma eleição, na qual seu pai seria derrotado. Daí por diante, ele se envolveu ativamente em vários movimentos políticos que tomaram a capital na Primeira República.

A trajetória política de Maurício está estreitamente relacionada à dinâmica da política nacional nos primeiros anos da República no século passado. Pouco depois de se formar advogado, ele começou a trabalhar como oficial de gabinete na presidência de Hermes da Fonseca (1910-1914), em função da sua participação na campanha do Marechal, que concorria com Rui Barbosa e sua Campanha Civilista⁴. Assim como outros estudantes, Maurício ficou entusiasmado com a candidatura do militar. Maurício de Lacerda saiu do gabinete somente para assumir o mandato de deputado federal, em 1912, indicado pelo Presidente da República para o cargo. Porém, pouco tempo depois, acabou rompendo com Hermes da Fonseca, por acreditar que este estava cedendo à influência do senador Pinheiro Machado, fundador do Partido Republicano Conservador (PRC)⁵.

⁴ A campanha “civilista” se caracterizou pela defesa do retorno dos princípios liberais presentes na Constituição de 1981. A candidatura de Rui Barbosa e de seu vice, Albuquerque Lins, agregou a insatisfação do eleitorado urbano com o processo político claramente oligárquico desenvolvido no regime republicano. No entanto, apesar de animar grandes cidades brasileiras, a campanha não obteve ressonância na maior parte do país e a eleição deu a vitória a Hermes da Fonseca.

⁵ Todo o processo eleitoral para a Câmara dos Deputados e para o Senado foi marcado pela disputa de poder no interior do PRC que, durante esse período, começava a ficar polarizado entre os que apoiavam Hermes da

A Revolução de 30, por exemplo, foi uma das ocasiões em que Lacerda citou como marcantes nas lembranças sobre o seu pai, em função da sua participação nos acontecimentos que mudaram o quadro político no país. A promessa de pôr fim às práticas políticas dos primeiros anos republicanos seduziu muitos dos que aguardavam por mudanças. O descontentamento com o pacto oligárquico manifestava-se claramente ao longo dos últimos anos entre as camadas médias, a população urbana e os militares. As revoltas no meio de jovens oficiais e os protestos urbanos apontavam para a necessidade de uma reorganização da política no país. O sistema político, da maneira como estava estruturado, não absorvia as demandas dos novos setores da sociedade e não permitia uma participação efetiva da população no processo político. Maurício de Lacerda, assim como diversos outros políticos, foi um dos que acreditou nas transformações prometidas pela Aliança Liberal.

A candidatura de Getúlio Vargas foi lançada como uma reação à decisão tomada por Washington Luiz (1926-1930) de apoiar o governador de São Paulo para a sua sucessão. Dentro do jogo político de alternância eleitoral, era a vez de um mineiro assumir o cargo da presidência da República. Desrespeitado o pacto entre as elites, os estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul se aliaram para apoiar uma chapa alternativa, que unia o gaúcho Getúlio Vargas e João Pessoa, então governador do estado da Paraíba. As eleições deram a vitória ao candidato paulista, Júlio Prestes. O resultado, entretanto, não foi bem aceito entre os setores da oposição. A morte de João Pessoa, candidato à vice-presidente, ajudou a acirrar ainda mais os ânimos entre os insatisfeitos, que já conspiravam contra a posse dos eleitos. Pessoa, morto em Recife por um adversário político em julho de 1930, foi alçado à mártir da Revolução. Seu corpo foi levado para a capital da República e recebido por políticos como Maurício de Lacerda. A revolução acabou estourando pouco tempo depois, em 3 de outubro de 1930. Minas Gerais e Rio Grande do Sul lideraram a insurreição, seguidos de outros estados no nordeste. São Paulo manteve-se à parte da revolução e não conseguiu fazer qualquer movimento significativo de resistência. Vargas e seus correligionários passaram a se deslocar para a capital, enquanto Washington Luiz tentava organizar alguma resistência. Com a deposição do presidente pelos militares e a criação de uma junta provisória de governo, Vargas desembarcou na cidade do Rio de Janeiro e tomou posse no dia 3 de novembro de 1930, pondo fim ao período da Primeira República. Carlos Lacerda, então com 16 anos, guardou na memória esses momentos de entusiasmo da revolução, porque o acompanhou de

perto. Segundo Dulles (1992), ele foi para a Avenida Rio Branco ver a festa que tomava conta da cidade. Ao chegar ao local, observou Maurício de Lacerda em cima de um carro discursando para uma multidão.

Essas cenas gloriosas de uma revolução bem sucedida provavelmente deixaram marcas na imaginação de Carlos Lacerda. A figura carismática e heroica de seu pai, apesar de sua ausência familiar, parecia compensada e claramente potencializada diante de tal atuação.

2. Pelas ruas do Rio de Janeiro: juventude e sociabilidade

Dentro de um ambiente familiar fortemente marcado por experiências políticas, em meio à discussão de problemas públicos e sociais, Carlos Lacerda acabou desenvolvendo grande sensibilidade na observação do cotidiano. Isso aparece de maneira particular nos contos que escreveu durante a sua juventude. Vivendo boa parte de sua infância e adolescência na capital da República, Carlos Lacerda deixou registrado nas histórias publicadas um pouco da sua rotina na cidade e de suas impressões a respeito dela e de seus habitantes. Os espaços dentro dos quais viveu e circulou, portanto, ajudaram a traçar um quadro explicativo sobre suas experiências sociais e seu lugar na sociedade.

De início, poderíamos afirmar que Carlos Lacerda viveu realidades bastante conflitantes durante sua juventude. Como assinalado anteriormente, nascido em uma família de advogados, políticos e proprietários de terra, sua vida financeira e social poderia facilmente ser considerada confortável. Transitando entre chácaras e fazendas no interior do estado ou morando nos bairros historicamente aristocráticos na capital, Laranjeiras ou Botafogo, Lacerda poderia ser identificado socialmente como membro de uma família de classe média alta. Estudou em colégios destinados a esse extrato social e, assim que terminou a sua formação básica de ensino, ingressou na universidade de Direito, com pouco mais de 18 anos.

Marly Motta (2001), em seu estudo sobre a capital da República, destaca papel que a cidade sempre desempenhou nesse aspecto da educação e da cultura. Desde o Império, a capital serviu de centro de socialização das elites estaduais, porque era nesse local que existiam as instituições formais mais importantes que realizavam a instrução intelectual e social de seus filhos. Era na cidade, por exemplo, que se localizavam escolas como o Pedro II e espaços como o Club Diário, o Jockey e o Teatro da Ópera.

No que se refere a Carlos Lacerda, contudo, a diferença é que, apesar de sua origem social, a imagem de abundância não correspondia exatamente à realidade. Podemos fazer essa

afirmação dada a descrição de sua infância. Os colégios, a casa e o trânsito pelo estado e pela cidade eram realizados mais por auxílio dos parentes próximos do que por rendimentos originados do trabalho de seus pais no período de sua infância. Com o pai detido, ou com mandatos cassados, não era possível manter confortavelmente as despesas de três filhos, uma esposa e outra família. Isso significa que sua família ainda possuía prestígio político, mas não necessariamente condições econômicas.

Esses detalhes de sua experiência familiar têm uma estreita relação com as transformações sociais, econômicas e políticas que tomaram a capital da República durante a primeira metade do século XX. Pode-se afirmar que a cidade e a sociedade que Lacerda conheceu durante a sua infância era um espaço em mudanças, mas com características bem particulares, tanto em razão de sua composição social quanto em função da centralidade política característica de uma capital. Desde o início do século XX, por exemplo, a capital vinha sendo constantemente remodelada pelo estado, que desejava imprimir à cidade uma feição que a aproximasse do modelo das cidades europeias. Elas representavam o que faltava ao Brasil: a civilização e a ordem. Segundo o olhar da elite política, a cidade do Rio ainda representava o passado colonial e sua população refletia um atraso que deveria ser eliminado para dar lugar a uma nova sociedade: saneada, civilizada e moderna. Não foi por outra intenção que ocorreram as reformas na administração do prefeito Pereira Passos (1902-1906).

A tentativa de modernização da capital mudou também a composição social de determinados bairros. Alguns locais antes valorizados perderam prestígio, enquanto outros passaram a representar uma opção de maior valor e *status* social. O bairro de Laranjeiras, local de nascimento e moradia de Lacerda ao longo de parte de sua infância, pode ser considerado um exemplo das transformações sociais da época. Inicialmente propriedade de poucos fazendeiros no século XVIII, o bairro de Laranjeiras foi se transformando progressivamente. Os terrenos que serviam de abrigo para poucas famílias de nobres e ricos comerciantes foram sendo divididos e vendidos ao longo do século XIX pelos seus herdeiros.

Carlos Lacerda nasceu em uma das ruas mais tradicionais do bairro de Laranjeiras: a Rua Alice. Caminho criado por volta do final do século, a residência pertencia à família de sua mãe, Olga Caminhoá. Porém, a paisagem dessas ruas de Laranjeiras não era somente constituída de casas pertencentes às classes mais abastadas. Desde que a fábrica de tecidos *Aliança* se instalou no bairro, em 1880, a região também passou a ser habitada, em determinados trechos, por operários que precisavam ficar mais perto do trabalho. De acordo com a pesquisadora Helia Nacif Xavier (1981), essa área passou a abrigar diversos estratos

sociais, que se distribuíram de maneira heterogênea pelo espaço. Ao redor da fábrica, em ruas como Cardoso Júnior e nas pequenas transversais, a ocupação teria crescido rapidamente, criando uma espécie de núcleo operário no bairro.

A Rua Alice, onde Lacerda viveu cerca de 11 anos, também teve trechos ocupados por conjuntos de casas de operários. E, diante da heterogeneidade desse espaço e dessa vizinhança, poderíamos imaginar – mesmo não tendo confirmação – que a casa de Olga e Maurício tenha sido frequentada por lideranças operárias dessa localidade, uma vez que ele estava ligado a diversos movimentos políticos e sociais. Posteriormente, em função de suas dificuldades econômicas com a morte de Sebastião e a permanência de Maurício na prisão, a família mudou para o bairro de Botafogo, na Rua São Clemente. E, tal como em Laranjeiras, esse bairro também passou por um processo de transformação na sua estrutura e composição social. Agregou tanto membros da elite quanto a população mais pobre em cortiços.

Diante disso, podemos afirmar que Carlos Lacerda viveu em locais que passaram por mudanças significativas como resultado da expansão da urbanização da cidade. E isto forçava, em certa medida, a convivência de famílias de passado aristocrático com famílias operárias aglomeradas em vilas populares, cortiços e, posteriormente, favelas. Como a situação da família de Carlos Lacerda não era de abundância, todos os filhos do casal precisaram de ajuda da família para entrar e permanecer nos colégios. A própria escolha da escola de Carlos Lacerda, por exemplo, oferece uma indicação das adaptações que a família teve que fazer. Ele não foi matriculado nos principais colégios de Botafogo e sim no bairro de São Cristóvão, no Pio Americano, da rede privada de ensino. Ele funcionava como internato e externato e era considerado o melhor de uma região que já havia deixado para trás a imagem de um local reservado para as elites.

Essa experiência do internato foi extremamente desconfortável para Lacerda por causa do ambiente de restrição de liberdade. Obrigado a permanecer no local, Carlos Lacerda falava da curiosidade em descobrir a vida urbana que florescia além dos muros do colégio, na região do Centro. O atrativo acabou se tornando tão forte que, em determinada ocasião, ele resolveu deixar o colégio e explorar a cidade. No conto o “Pão do Espírito”, publicado no livro *21 Contos Inéditos de Carlos Lacerda*, há detalhes desse momento de aventura pelas ruas da capital:

A rua descia para os dois lados. Correndo, tomou o lado contrário ao habitual. Dobrando esquinas desconhecidas, com um galope no coração, foi parar numa praça enorme. Aí sentiu o primeiro vento da aventura e da liberdade fustigando o rosto. Sentia-se herói, sem exagero nenhum. Um

bonde, lento, pesado, rinxando, o trouxe à cidade. Foi ver os cartazes dos cinemas, as vitrinas das lojas, as caras dos passantes. Visitou uma exposição de automóveis, donde levou prospectos com condições de comprar uma soberba limusine que nem em sonhos o tentava. Era apenas o prazer dos prospectos (LACERDA, 2003, p. 37).

Esse trecho apresenta um conjunto de elementos importantes para a compreensão de um imaginário que foi sendo fortalecido ao longo do tempo por Carlos Lacerda. Logo de início, ele destaca a opção de fugir da rotina ao escolher tomar uma rua diferente da habitual. Os velhos caminhos não apresentavam novidades e nem mesmo suscitavam a sensação da aventura. A liberdade, para ele, encontrava-se nas ruas desconhecidas da cidade, sem a vigilância e o enquadramento da rotina. Isso o permitia sentir-se não somente livre, mas também uma espécie de herói, por ter a coragem de realizar essa aventura. Além disso, o prazer que obtinha em olhar as lojas e pegar prospectos sinalizava para o desejo de conhecer outras realidades.

Outro ponto se refere à sua percepção sobre a cidade. Ele via uma capital e uma vida urbana em expansão. De um lado, os bondes pesados, lentos, que “rixavam” em direção à cidade. De outro, um comércio abundante e variado, repleto de pessoas que se deslocavam nesse espaço, tanto para trabalhar quanto para realizar seus passeios. Opções de lazer para encontros sociais e consumo não faltavam, pois as ruas abrigavam cafés, teatros, jornais e cinemas que fizeram da capital da República um espaço de produção de ideias e discussões ao longo de todo esse período. O centro da cidade, que Lacerda provavelmente visitou depois de tomar o bonde, também exibia uma fisionomia bastante diferenciada após as reformas urbanas. Ao invés de ruas, cortiços, morros e áreas degradadas, emergiu um cenário de novas ruas, como a suntuosa Avenida Rio Branco e novos espaços de comércio. A administração de Carlos Sampaio (1920-1922) acabou mudando mais ainda o espaço, após a derrubada do histórico Morro do Castelo para a exposição internacional de 1922 sobre o Centenário da Independência.

No final dos anos 20 e início dos anos 30, a região central ainda mantinha um papel importante como área nobre. Ela centralizava o que havia de mais importante em comércio e serviços na capital. As obras de embelezamento realizadas na área do Centro e no seu entorno ainda faziam com que ela atraísse a população mais nobre para circular e residir no local, situação que só se modificou ao longo da década de 30, 40 e 50 com os investimentos nos bairros oceânicos da “nova zona sul”, compreendendo Copacabana, Ipanema e Leblon. Quando Carlos Lacerda se aventurou pela região central, ainda pôde observar uma área que

concentrava o comércio de produtos mais caros em algumas das suas travessas, como a Rua do Ouvidor e a Avenida Rio Branco permitia que os pedestres caminhassem em uma bela rua arborizada, cercados por prédios de arquitetura clássica, desfrutando as ruas da capital remodelada.

Todas essas pequenas lembranças de Carlos Lacerda oferecem uma espécie de mosaico de cenas perdidas. Nelas também emergem os movimentos desta outra parte cidade, ou seja, de seus habitantes mais pobres. Em primeiro lugar, aparecem os imigrantes, que regularmente chegavam e abandonavam a capital. Em um segundo momento, temos o registro de uma cena típica desse grande centro, ou seja, a dos transportes públicos lotados de operários em seu retorno para casa. No que se refere ao primeiro ponto, a do movimento de imigrantes na cidade, mesmo não identificando a origem dessas pessoas no texto, a ocorrência desse tipo de situação poderia ser algo relativamente comum no cotidiano:

Viu um navio partir. Imigrantes voltando, derrotados. Do seu lado, no cais, uma velha escondia a cabeça do menino na ampla saia camponesa. Pela disposição das rugas no seu rosto curtido, ela sofria. Mas sem lágrimas. O menino chateado, pedia para ir embora. Mas do navio um braço acenava pela escotilha. Um braço sem cabeça. Aquele adeus segurava no cais a velha. Ela dizia: - Ai o mô filho...O mô rico filho [...] (LACERDA, 2003, p. 37).

Através dessa descrição, podemos perceber que Lacerda registrou também o lado “feio” da cidade, evidenciando seus aspectos negativos. Diferente do registro de entusiasmo inicial com o embelezamento e povoamento da cidade, o retrato desses imigrantes é triste e melancólico. Não são mais os prospectos que chamam a atenção, nem as vitrines ou carros. São as pessoas “derrotadas”, isto é, as que voltavam para as suas casas sem conseguir realizar os seus sonhos.

No que concerne a um segundo tipo de cidadão, que nos permite visualizar um pouco mais sobre a realidade social dessa cidade, Lacerda deixou sua impressão sobre o movimento de trabalhadores na sua rotina de viagem de volta aos subúrbios. Ainda no tempo de seu internato, quando Carlos Lacerda realmente decidiu fugir para a chácara do seu avô já falecido, ele indicou o movimento dos trens que partiam para os subúrbios e outras freguesias da cidade:

O pessoal dos subúrbios investia sobre os trens. Era como tomada da Bastilha nas estampas da época. Era a fuga de uma população esbaforida – tudo que se possa imaginar. Não me empurre, oh! Não deixe entrar na fila! Que fila, sua besta? - quem foi ao vento perdeu o assento. Está tirando o ar da criancinha (LACERDA, 2003, p. 38).

Novamente, tal como no trecho anterior sobre os imigrantes, a descrição não é de um

ambiente de modernização e conforto para a classe popular. Pelo contrário, o transporte coletivo é retratado segundo o aspecto do desconforto e da confusão. A imagem da “tomada da Bastilha” mostra-se particularmente interessante aqui, porque nos remete à ideia de uma população “selvagem” que investia sobre o transporte em direção aos subúrbios.

Desde o século passado, as linhas de trem cortavam a capital e davam acesso ao interior do estado. Elas se dividiam entre a rede da Central do Brasil, a Leopoldina, a Rio D'Ouro e a Linha Auxiliar. A lotação exagerada desse meio de transporte – imagem que aparece em outros contos – denuncia um pouco do crescimento dos subúrbios e da criação de postos de trabalho no centro da cidade e nos bairros em seu entorno. De acordo com a pesquisa de Abreu (2001), enquanto ocorriam obras de embelezamento e valorização na zona sul e centro, os subúrbios começaram a se expandir continuamente sem o devido cuidado.

Todas essas experiências na cidade levam-nos a crer, portanto, que Lacerda transitava com relativa facilidade entre extratos sociais diferenciados. Seja por força dos bairros onde habitou ou em função da situação econômica de sua família que, como vimos, não podia ser considerada estável. Ou seja, longe de ignorar a vida das camadas populares da cidade, ele teve a oportunidade de acompanhar de perto os problemas e as dificuldades desse momento político. Além disso, a necessidade de se expressar livremente e a curiosidade com o mundo, assim como a dificuldade de se enquadrar às regras sociais, o levaram a adotar um comportamento questionador.

Dessa forma, podemos afirmar que Carlos Lacerda começou a ser confrontado, desde a sua infância, com diversas situações sociais e com as questões próprias de sua época. Elas ocorriam em um plano mais amplo relativo à cidade e ao país, mas também dentro do espaço familiar. A sociedade que se modernizava mudava tanto o *status* social de algumas famílias – ou pelo menos ameaçava – quanto a configuração dos seus bairros, das residências e das rotinas, impondo novos desafios. E esses últimos podiam aparecer justamente na obrigação que se impunha aos jovens de lutar pela manutenção do padrão econômico e social das suas famílias.

A esse respeito, ou seja, questões de natureza econômica e profissional de Carlos Lacerda, o caminho mais próximo dele certamente foi o jornalismo e a política, considerando o histórico familiar. De acordo com Dulles (1992), antes de entrar para a Faculdade de Direito, em 1932, Lacerda já havia começado a exercitar suas habilidades como jornalista. Aos 16 anos, dois anos antes de começar a sua graduação, ele se apresentou para trabalhar no

*Diário de Notícias*⁶ e ajudar a escritora Cecília Meireles a escrever uma coluna dela, sobre educação. A convivência nesse trabalho fez com que eles se tornassem amigos. Quando iniciou a faculdade, Lacerda continuou a trabalhar no jornal, levando informações para os leitores a respeito das atividades dos estudantes de Direito. Esse trabalho com Cecília Meireles chamou a atenção do poeta e jornalista Álvaro Moreyra⁷.

Sua mãe, Olga, também o levou para trabalhar na *Casa do Estudante do Brasil*, dirigida pela poetisa Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça, benfeitora da casa. Através desse contato, Lacerda teve maiores possibilidades de desenvolver suas habilidades literárias e de explorar algumas inclinações para o desenho. Depois de um subsídio do governo para a casa desenvolver uma publicação mensal, Lacerda ficou encarregado do projeto da revista. O nome escolhido foi “rumo” e o seu *layout* foi desenvolvido por Lacerda. Ele se inspirou no modernismo ao colocar o nome *rumo* em letras minúsculas na capa. Algumas das ilustrações da revista foram feitas por Carlos Lacerda e por artistas como Di Cavalcanti e Cândido Portinari. Elas possuíam um estilo primitivista. Porém, em pouco tempo, as edições da revista foram paralisadas. O próximo passo tomado por Lacerda foi se envolver na produção da *Revista Acadêmica*, editada pelos amigos da faculdade, como Moacir Werneck de Castro, Murilo Miranda e Lúcio Rangel. De acordo com seu biógrafo, John Foster Dulles, o primeiro de seus artigos saiu no ano de 1934.

Combinando atividades jornalísticas e a inserção em uma intelectualidade de esquerda dentro e fora da faculdade, o olhar de Carlos Lacerda para os dramas da cidade se aguçaram. Se uma determinada imagem sobre esse mundo urbano pode ser captada no conto já mencionado anteriormente, *o pão do espírito*, é possível observar um pouco mais em outros contos, como em “Parolagem em uma noite de Natal”.

Ambientado em uma favela carioca, da qual não se tem a localização, a história gira em torno de um diálogo entre um visitante, um morador da favela, sua esposa e um filho. A conversa é bem humorada e protagonizada pelo marido. Através dos diálogos, pode-se remontar o espaço em que eles vivem bem como a sua miserabilidade, apesar de não existir

⁶ O *Diário de Notícias* foi um periódico que circulou entre os anos de 1930 e 1976. O jornal foi fundado por Orlando Dantas e permaneceu sob a direção da família até o ano de 1968, quando foi vendido. Chegou a ser um dos jornais mais vendidos na cidade do Rio.

⁷ Álvaro Moreyra foi poeta, jornalista, cronista e membro da Academia Brasileira de Letras. Fundou no ano de 1927 a companhia “Teatro de Brinquedo”, que tinha como objetivo a renovação das artes cênicas no país. Entrou para a Academia Brasileira de Letras no ano de 1959. Fez parte de inúmeros núcleos intelectuais na capital da República também teve uma passagem significativa pelas rádios. Faleceu no ano de 1964. Biografia disponível no site: <http://www.academia.org.br>.

nenhum traço de depressão ou tristeza por parte dos personagens, que parecem estar adaptados ou conformados ao local e às condições. A conversa começa com o morador da favela apresentando a casa onde a família vive para o estranho que visita o local. Este último, entretanto, serve somente como um pretexto para que o personagem principal, o morador da favela, fale a respeito de seu cotidiano e dificuldades. Assim, em um diálogo, o anfitrião descreve a casa:

[...] aqui [...] quase não entram nem os moradores. E depois [...] aqui em casa não é propriamente casa: é um barracão. [...] Além da cama quase não tem mais nada, a não ser aquele cabide feito não sei como, como umas ripas de caixote. Do lado de fora fica um alpendre. Mas não vai pensar que é um alpendre de verdade. É uma espécie: é um teto; um teto de zinco com duas estacas, uma grade de pau de caixote, umas pedras que seguram o chão de terra batida pro chão não se distrair e descer pelo morro abaixo, numa enxurrada dessas [...] (LACERDA, 2003, p. 68).

Essa realidade, semelhante a um cenário em sua narrativa – remonta a qualquer favela carioca nesse período – em alguns casos, até recentemente, na descrição de localidades miseráveis: um barracão pouco mobiliado, uma cama improvisada, feita de ripas, com moradores se espremendo em um local apertado. Importa destacar que a existência dessas moradias não podia ser ignorada pelos habitantes da cidade e, certamente, atraiu a atenção de Carlos Lacerda. Morando em bairros da zona sul ou circulando pela cidade, essas localidades já faziam parte da paisagem carioca. Incrustados nos morros ou espalhados pelas planícies da cidade, elas provocavam uma estranha angústia nos cidadãos. Era a cidade pobre que permanecia e crescia paralela à que nascia como uma vitrine para o mundo. A destreza de Lacerda em contar a pequena história com os detalhes das habitações pode ter sido facilitada em função das inúmeras reportagens escritas sobre o crescimento das favelas na capital da República e que foram publicadas no mesmo jornal onde Lacerda começou a trabalhar, ou seja, o *Diário de Notícias*. De acordo com Maria Lais Pereira da Silva (2005), que trata da expansão das favelas cariocas entre os anos de 1930 e 1950, esse jornal era um dos que denunciavam o desenvolvimento dessas habitações na cidade.

Segundo a autora, pode-se dizer que desde o final da década de 20, mais especificamente em 1928, algumas favelas apresentavam-se mais ou menos consolidadas na cidade, como São Carlos, Mangueira, Salgueiro, Jacarezinho e Babilônia. Elas não foram derrubadas nas grandes reformas que tomaram conta da capital e acabaram se integrando à paisagem do Rio, tornando-se material para o exame da imprensa e para especialistas no assunto no período. Nas áreas de urbanização mais antiga, como Centro e Catumbi,

encontravam-se as favelas São Carlos, Querosene, Azevedo Lima, Providência, Gamboa e Moreira Pinto. Nas áreas de residência e industrialização anteriores a 1920, como o bairro da Tijuca, já existiam Salgueiro e o morro da Formiga.

Ainda no conto mencionado anteriormente, “O Pão de Espírito”, outras personagens são retratadas por Lacerda para se referir à situação de lotação dos trens, que faziam o transporte público das massas para os subúrbios:

Daqui o que se vê de mais importante é o mar e também o trem de subúrbios, com uma porção de bichinhos que de perto parecem homens, pendurados nos carros, amorregados no teto, na máquina, até parece mentira, entre as rodas dos carros, cabeça para baixo que nem caju [...] Pingente, você sabe o que é: é aquilo que as moças penduram no pescoço, não é? Mas aqui chama pingente passageiro que sobra por fora do trem, sabe? Pendurando, assim... (LACERDA, 2003, p. 68).

Destaca-se nessa descrição o humor do observador, ou seja, do morador da favela. Ele parece suavizar a situação de precariedade e é usado frequentemente nesse conto, não importa o que a personagem aponte a respeito de sua vida ou dos outros. Os passageiros no trem lembram objetos ou frutas prontas para cair das árvores ou mostram semelhanças com animais. Só quando olhados de perto, eles “parecem” homens.

O mesmo tom de brincadeira, associado ao conformismo – da personagem, quanto à sua precariedade e do observador em relação à visão da cidade na qual figura o diferente, o excluído desajeitado – se dá quando o anfitrião do conto “Parolagem em uma noite de Natal” trata do comportamento de sua esposa para com o estranho que visita sua casa, em data festiva, para vender coisas. Ela trabalha, lavando roupas para fora e, na fala do anfitrião, aparece frequentemente cansada ou com um aspecto de choro:

Você não repare, a mulher hoje parece que está enfezada. Quando vai ferver roupa fica assim feito coisa que está chorando; mas não é choro não, que aqui em casa não se chora. Desgraça pouca é bobagem, não é mesmo? Pra que aumentar. Chorar desgraça é aumentar. Depois não é com choro que se arranja nada... Logo não adianta chorar. Veremos, como dizem os cegos (LACERDA, 2003, p. 69).

Na verdade, as lágrimas da mulher, que lava roupa para fora, são causadas pela fumaça da lenha queimada e utilizada para ferver a água com as peças de roupa. No entanto, a precariedade do trabalho não é evidenciada na sua relação com algum tipo de sofrimento causado pelas condições de vida. Essa observação indica, ao menos vagamente, que Lacerda tinha consciência de algumas das características principais do modo de vida dessa população, pois o tipo de trabalho realizado comumente pelos moradores de favelas eram os serviços

domésticos. Nota-se também, através dessa pequena história, que a única pessoa que parece ter alguma atividade remunerada é a mulher.

Outro retrato da exclusão é montado na passagem em que o anfitrião trata do seu divertimento ou distração momentâneos, ao buscar informações oferecidas pelos jornais. Com pouco acesso à cultura dos livros, somente os jornais conseguiam chegar com mais facilidade às camadas populares. Assim ele se referia ao jornal:

Esse jornalzinho é a minha cachaça [...] Vocês lá em baixo falam de literatura, todas essas coisas [...] o jornal é minha literatura [...] Esse jornal – vai vendo só -, o Américo mandou comprar, a mulata dele já leu, ele fingiu que leu – porque ele não sabe ler [...] Eu pego, leio, torno a ler, soletro um bocado – porque não sou muito bom na leitura, não – eu me arrumo, dou jeito sabe? [...] dia de domingo eu leio tudo quanto é anúncio. Não estou esperando encontrar nada não. Leio por ler, anúncio também é gente, a gente lê as notícias, deve ler os anúncios também [...] No fim é tudo a mesma coisa, não é? (LACERDA, 2003, p. 71).

Nesse trecho, podemos identificar outros aspectos da condição do excluído, que caracterizam o trato literário dado por Lacerda ao mundo popular e ao cotidiano da cidade, tais como a baixa escolaridade da população pobre ou, na maioria das vezes, vítima mesmo do total analfabetismo, da falta de acesso ao lazer e do uso restritivo dos jornais, como principal veículo e acesso às informações, ao lado do rádio – que não é citado. Tal como em outros momentos da trama, as linhas finais do conto não lembram nenhuma imagem ou ação que transmita qualquer tristeza maior ou revolta por parte dos personagens. Ao contrário, eles revelam uma sensação de conformismo diante das dificuldades, ou seja, vivem os problemas, descrevem sua condição de vida, mas os comentários não ultrapassam o tom levemente irônico sobre o descaso público. Em relação ao aspecto do uso do humor na crítica social, é importante salientar a tradição desse tipo de abordagem nas crônicas e *charges* publicadas em jornais e revistas na capital da República. A pesquisa de Monica Velloso (2004), sobre a cultura carioca no começo do século até os anos 30, revela exatamente o papel do humor na abordagem dos problemas associados à modernidade na cidade do Rio. Ela dá ênfase ao lugar de cronistas e cartunistas como observadores sensíveis e participantes de seu tempo, capazes de revelar as ambiguidades do moderno nesse espaço urbano. Os jornais, nesse início de século XX, segundo a autora, ocuparam um espaço inédito na vida da cidade, quando o processo de socialização se deslocava do espaço privado para o espaço público. O jornalista aparece, então, como um mediador cultural e a imprensa adquire o poder de ditar modas, padrões, comportamentos e sensibilidades. Ao invés de se limitar a um discurso oficial do

governo e dos especialistas, essa mesma imprensa começava a retratar a cidade de diversos ângulos. Os jornalistas saíram dos prédios das redações em busca de acontecimentos e personagens que podiam estar nos morros, nos subúrbios, nas vielas e no submundo.

Nesse sentido, caricaturistas e cronistas da cidade utilizaram muito o humor nas suas obras, retratando o cotidiano e o comportamento dos habitantes dessa cidade em pleno processo de modernização. Para Velloso (2004), o humor apresentava um caráter polissêmico capaz de lidar com o que era dissonante, múltiplo e dúbio, permitindo um olhar interrogativo e inquieto sobre a cidade. Não podemos afirmar plenamente que Lacerda se inscreve totalmente nessa tradição jornalística carioca que remonta ao começo do século, mas diversos elementos apontam nessa direção. Alguns de seus contos são inspirados nesse mundo urbano, como esse que aborda a família moradora de uma das inúmeras favelas cariocas.

Alguns dos contos de Lacerda, na realidade, parecem exprimir um cinismo diante da condição de pobreza que ele descrevia em seus contos, quando marcava, com toques de humor, os costumes ou as falas das personagens, reproduzidas por ele em seu modo errado de falar. No caso específico do conto sobre a favela, o mundo que Lacerda retrata revela decadência, ignorância, ingenuidade, humor e descrédito. No entanto, é preciso chamar a atenção também para um dado político e biográfico importante. Nos primeiros anos do governo de Vargas, Lacerda, assim como seu pai, Maurício, eram entusiastas das reformas empreendidas e das promessas que foram feitas durante a Revolução de 30. Pouco tempo depois, Maurício de Lacerda rompeu com o governo, por achar que ele não levava à frente os planos e as demandas com os quais havia se comprometido, em especial com relação aos tenentes – a quem Maurício apoiava. Em pouco tempo, Maurício de Lacerda rompeu com Vargas e passou a criticá-lo publicamente através dos jornais.

Carlos Lacerda também se associou a esse movimento de crítica a Vargas, denotando sua desilusão quanto ao novo regime, que prometia tanto, do ponto de vista dos que o apoiaram, mas que não teria levado à frente os compromissos firmados. A revolta contra o governo foi crescendo na medida em que Lacerda ia se comprometendo com as ações dos comunistas em 1935, pouco tempo antes do Estado Novo. Os contos até aqui considerados fazem parte, portanto, de um período de revolta, desilusão e crítica ao governo de Vargas e ao regime político em geral. O compromisso com os pobres e os carentes vincula-se ao seu envolvimento com os comunistas. No aspecto literário, uma possível reflexão sobre o ideal de igualdade social aparece na denúncia e visibilidade pública desse segmento social que, no processo de modernização, a capital da República estava excluindo e confinando

territorialmente. Esse período de crítica social permanece e se aprofunda, englobando outras realidades para além da capital da República, onde Lacerda que vivia. Durante esse tempo de envolvimento com o comunismo, Lacerda ainda escreveu contos diversos, mostrando seu aparente comprometimento com a parcela excluída da sociedade brasileira, abordando a situação de escravos, sertanejos e mulheres.

Considerações finais

A análise da incursão literária de Carlos Lacerda durante sua juventude revela outros elementos importantes em sua trajetória além dos aspectos mais conhecidos de sua passagem pela política carioca e brasileira. Certamente, os eventos que o tornaram famoso em seu tempo e dentro de nossa história política mais recente não podem ser ignorados. Pode-se afirmar, sem erro, que ele é um dos personagens mais importantes e controversos de nossa política nos eventos que marcaram nossa história entre os anos 40 e 60 do século passado. Entretanto, quando lançamos o olhar sobre sua juventude e suas atividades literárias ou políticas, percebemos a formação de um jovem intelectual que absorveu diversas influências nesse caótico período de transformações, especialmente na antiga capital da República. A construção de um olhar interrogativo, irônico e crítico sobre a cidade e sobre as condições sociais de seus habitantes certamente foi facilitada pela própria inserção social e familiar de Carlos Lacerda, uma vez que a política e o debate sobre os problemas dessa República emergente e em ebulição estavam ao seu alcance em casa, através de parentes próximos que impactaram a sua imaginação e ajudaram a formar a sua personalidade.

Cabe destacar também que dentro desse quadro de influências políticas diversas e de possibilidades presentes na cidade do Rio de Janeiro do início do século passado, ocorre uma mudança significativa em sua trajetória. O jovem intelectual atuante nas esquerdas, em especialmente próximo ao partido comunista, rompe de forma polêmica (pela expulsão) com essa origem e passa a habitar setores considerados reacionários, como a UDN, a partir de 1945. Além disso, esse período marcar a sua conversão ao catolicismo. A mudança provocou reações diversas e afastamentos dolorosos, dos quais ele queixou-se diversas vezes ao longo de sua vida em vários de seus escritos e cartas. Para alguns, como Di Cavalcanti, ficou a saudade de vê-lo ao lado de Cecília Meireles como um “pajem” e a preocupação dele ter se tornado “um ditador das caraíbas” após o “abandono de suas antigas convicções” (LACERDA, 2005, p. 94). Para outros, e para ele mesmo, talvez, foram abertos outros

caminhos que o projetaram para o centro da política nacional e para um papel de grande destaque na antiga capital e no novo estado da Guanabara.

Entretanto, longe de afirmar que essas duas fases de sua vida, juventude e maturidade, encerram dois momentos completamente diferentes e contraditórios de Carlos Lacerda, acredito que existam linhas de continuidade, ou temas, que persistem em seu discurso e em sua ação política. Esse é o caso da sua preocupação e atuação, principalmente como governador, dentro do espaço da cidade do Rio, ou seja, em relação às contradições urbanas que envolviam os moradores, em especial os mais pobres e excluídos, porém, através de uma intervenção muitas vezes autoritária e violenta, tal como outros políticos anteriores adotaram ao tentar mudar a face da cidade.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Maurício. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2006.
- CARVALHO, Maria Alice. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.
- DULLES, W. F. John. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador* (Vols. I e II). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- LACERDA, Carlos. *A casa do meu avô*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. *Rosas e pedras em meu caminho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *21 Contos inéditos de Carlos Lacerda*. Brasília: UNB; Fundamar, 2003.
- _____. *Desafio e promessa. O rio São Francisco*. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- _____. *Crítica e autocrítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1966.
- _____. *O Quilombo de Manuel Congo*. Rio de Janeiro: Espólio de Letícia Lacerda, 1998.
- LESSA, Renato. A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina. In: CARVALHO, Maria Alice Rezende (Org.). *República no Catete*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001.
- MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- SILVA, Maria Lais P. *Favelas cariocas: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *A cultura das ruas do Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- XAVIER, Helia Nacif. Transformações recentes em um bairro residencial: Laranjeiras. O

papel da legislação urbanística. Rio de Janeiro: UFRJ; Programa de Pós-Graduação em Engenharia, 1981.

Literary *début* of the young Carlos Lacerda: memoirs of a Rio de Janeiro in transformation

Abstract: The article studies some literary aspects of Carlos Lacerda's fiction during the first half of the 20th Century, a period of his youth in Rio de Janeiro. Lacerda was a member of a family of intellectuals and grew up in a stimulating environment, plenty of social changes, when Rio de Janeiro was the capital of the republic. By observing the daily life of Rio de Janeiro's citizens Lacerda produced short narratives that revealed people's dramas as well as depicted a urban space in a fast and growing process of modernization.

Key words: Carlos Lacerda. Rio de Janeiro politics. Literature. City.

Recebido em: 01 de março de 2014.

Aprovado em: 16 de julho de 2014.